

476

SENTIMENTO

LAMENTAVEL

QUE A DOR MAIS SENTIDA EM LAGRIMAS TRIBUTA
NA INTEMPESTIVA MORTE
DA SERENISSIMA RAYNHA DE PORTUGAL
NOSSA SENHORA

6
D. MARIA SOFIA IZABEL
DE NEUBURG.

G L O S A

AO VIGESSIMO SECUNDO SONETO DA TERCEIRA
Parte das Rimas do Apolo Portuguez
O G R A N D E

L U I S D E C A M O E N S
CHORAY NINFAS OS FADOS PODEROSOS, &c.
O F F E R E C I D A

à EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIANA TERESA DE HANHELOHE
Biscondessa de Villa-Nova de Cerveyra.



POR BERNARDINO BOTELHO DE OLIVEYRA:

LISBOA. *Com as licenças necessarias.*

Na Officina de BERNARDO DA COSTA. Anno 1699.

SENTIMENTO

FAMÍLIA

QUE A DOUTORA MARIA ANTONIA DE SAES

DA DOUTORA ANTONIA DE SAES

DA DOUTORA ANTONIA DE SAES

POSTERAMENTE

D. MARIA SOFIA IZABEL

D. ANTONIA DE SAES

GLORIA

DOSSOBERTE

DE SAES

DE SAES

LUIZ DE CAMÕES

CHORALISTAS DE SAES

SENHORA

D. MARIANA TERESA DE SAES

de Saes



FOR BERNARDINO DE SAES

de Saes



DEDICATORIA.



U SCAR o mayor amparo aonde nam pôde haver o menor abrigo , he de-za ser to que publica, em a mais errada eleyção, a mais cega ignorancia ; porque mal pôde defender, quem nam pôde resistir. Mal pôde abrigar do mais riguroso tempo a menor arvore, se do proprio tempo he o mayor lodibrio.

Seguro pôde hoje este papel buscar o seu amparo debayxo da protecção de V. S. porque á sombra de tam grande Arvore, nem terá que temer o açoute mais cruel do riguroso tempo, nem tam pouco recear o rayo de flominantes linguas ; pois para estas tem o prezevativo de Laureiro, pello scientifico; & para aquelle a constancia, em a resistencia, pela grandezza. Vossa Senhoria o deve amparar benignamente, nam pelo reudimento obsequiozo com que hoje busca o mais seguro abrigo, mas sim pelo que delle (em quanto ao sentimento que géralmente experimentamos) cabe a V. Senhoria, pois lhe toca dobrada parte.

Sentem os membros todos o golpe que descarrega em
a ca-

a cabeça ; & os ramos (com o abbalo) o que em alguma parte da arvore descarrega : todos samos membros para o sentimento do primeiro golpe ; de mais, a mais he Vossa Senhoria ramo daquella Illustre Arvore, donde procedeo o mais real, sobre o qual descarregou o cruel, & intempestivo golpe, que com o abbalo, naturalmente, avia de causar a Vossa Senhoria o segundo sentimento.

Nam repare Vossa Senhoria em o lhano, & toscó estylo de meu pranto, porque huma sentida magoa nam se póde sujeitar aos estylos supremos, sem que periguem os creditos de sua verdade ; que suposto o soberano da materia demande hum estylo Grave, ou Asiatico, com tudo, como o assumpto he de lagrymas, he poem embargos o Laconico, com o Infimo ; porque o sentimento affectado dá indicio de pouco verdadeiro ; & mais quando Quintiliano me aviza com dizer : que sempre sam maliciosas as lagrimas discretas.

Deos guarde a Vossa Senhoria por dilatados annos, & lhe augmente a successão para que a Illustrissima Casa dos Invictos Limas logre immortal descendencia dos Heroes (por huma, & outra parte) de tam calificada pro-sapia.

Criado de Vossa Senhoria.

Bernardino Botelho de Oliveyra.

SONETO

49-

DO APOLO PORTUGUEZ,

O GRANDE

LUIS DE CAMOENS.

CHORAY Ninfas os fados poderosos,
Daquella soberana fermosura,
Onde foram parar na sepultura,
Aquelles reaes olhos graciosos?

Oh bens do mundo falsos, & enganosos!
Que magoas para ouvir, que tal figura
Jaza sem resplendor na terra dura,
Com tal rosto, & cabellos tam fermosos.

Das outras que será! pois poder reve
A morte sobre coufa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia:

Mas o mundo nam era digno della,
Por isso mais na terra nam esteve,
Ao Ceo sobio, que já se lhe devia.

G L O S A .

I.

R Ecebe, Tejo as lagrimas ardentes,
 Da dor que por meus olhos se desfagoa,
 Levando na corrente estas correntes,
 Que em suspiros delata a ardente fragoa;
 E vós que de esse espelho alçais as frentes
 Para ouvirme, acompanhay tanta magoa:
 Em quanto vires meus olhos chorosos,
Choray Ninfas os fados poderosos.

II.

N Am choreis commovidas deste pranto,
 Que já nos olhos meus vedes pendente,
 Pois só de ver chorar, chora outro tanto,
 Quem chorando muy bem, muyto mal sête:
 Choray com propria dor, sentindo em quãto,
 Vires o sentimento em mim patente;
 Que eu choro, & sinto a falta q̃ me appura,
Daquella soberana fermosura.

III.

D Aquella que por singular belleza
 (Nam só por ser prodigio sem segundo,
 Mas por ser da grandeza a môr grandeza)
 Correo, na fama sua, todo mundo:
 Bem que a morte correndo com prestesa,
 No pranto nos deixou já mais profundo,
 Pois correo cõ a belleza a desventura,
Onde foram parar na sepultura.

IIIJ.

P Arou, mas nam a fama, a môr beldade;
 E em que veyo a parar tanto protento?
 parou na sepultura a Magestade;
 Tudo cõ a morte pâra é o monumento!
 Porém inda a certeza da verdade,
 Fica incerta na dor do sentimento,
 Pois donde estam, lamentam duvidosos,
Aqnelles reaes olhos graciosos?

V.

A Donde está o Sctro cõ a Coroa?
 (A voz do leal Vassalo affim publica)
 Adonde (chorando o povo apregoa)
 A gala mais real, a Purpura rica?
 Mas como em o sepulchro tam mal soa
 O triste echo que diz: tudo aqui fica!
 Oh como hoje nos deixas saudosos!
Oh bens. do mundo falsos, & enganosos!

VI.

SE estará a belleza demudada?
 Hum qual outro Francisco hoje o publique,
 Vendo a que jaz no tumulo encerrada,
 E das suas feçoens nos certifique:
 Mas ay! como a estou vendo tam torcada
 (Inda que o grande amor agora o implique)
 No feyo da mais linda creatura!
Que magoas para ouvir! que tal figura!

VII.

SEM luz a sombra ao rico quadro unida?
 Que mortecor! que cor desformidavel!
 A luz de obscuras sombras revestida?
 Que resplendor! que luz desagradavel!
 Como sem resplendor escorecida
 Está na terra a luz que foy notavel!
 He possivel que a Imagem de luz pura,
Iaza sem resplendor na terra dura?

VIII.

O Cabello que dava inveja ao ouro:
 O rosto que de luz formava rayos,
 Hum perdeu toda a graça, o outro o louro,
 Ficando ambos em tam mortaes desmayos:
 Se foy, ou nam, hũ do outro o môr thesourô,
 Diga-o o claro cristal de seus ençayos,
 Se vio belleza aos rayos mais vistosos,
Com tal rosto, & cabellos tam fermosos.

IX. MAS

IX.

MA S oh Parca cruel! oh homicida!
 Como mudas o lindo com teu corte!
 Nam bastava cortar o fio á vida,
 Sem deixar a belleza dessa forte?
 Que belleza já agora aprecibida,
 Pode haver que resista ao poder forte?
 Que fez a morte a esta? & ao que se atreve?
Das outras que será! pois poder teve.

X.

A Stro foy que no mais resplandecente,
 Era o nosso Luzeiro matutino:
 Astro de tam devino, & rico influente,
 Que dominando influiu ao mais devino:
 Astro agora de luz mais excelente,
 Que vive a pezar do fatal destino,
 Pois nam teve poder (em quanto Estrella)
A morte sobre cousa tanto bella

XI.

SOL foy que a luz do Sol proprio eclipsava,
 Deixando-o entre as sombras mal seguro:
 Sol que a dous emispherios alumiaua,
 Do real throno de feu folio puro:
 Mas ay que quando os trinta gyros dava,
 Com mais tres, se vio em mortal escuro!
 Eclipse, pois, Apolo a noute fria,
Que ella eclipsava a luz do claro dia.

XII.

FAltou ao mundo a luz da bella aurora,
 Se a Estrella a Portugal já mais errante:
 Faltoulhe a luz do Sol, a qual já mora
 Em Esphera mais alta, & mais brilhante:
 Porém quantos diram chorando agora
 (Com saudade fina, & amor constante)
 Que pudera mais tempo o Ceo cá tella!
Mas o mundo nam era digno della.

XIII.

ERA o mundo pequeno, & sem ventura
 (Poderá ser que assim a pena abrande)
 Para en sy ter tam grande fermosura,
 Posto que a terra aposse hoje démande:
 Empossivel serà, na môr loucura,
 Querer que cayba ã espasso breve o grande;
 Por nam caber o grande ã espasso breve,
Por isso mais na terra nam esteve.

XIV.

EM fim, pois, foy lograr no môr retiro
 (Dezatada do nô do mortal laço)
 O seu lugar Celeste donde a admiro,
 Que o do mundo foy cà tô por acaso:
 Em fim, pois, como luz, foy de hum suspiro:
 Em fim, foy como Sol de seu Occaso;
 Como Estrella que o posto ao Cço SO-FIA
Ao Cço sobio que já se lhe devia.

SONETO

52

SONETO

ACROSTICO

à MORTE DA SERENISSIMA

RAYNHA N. SENHORA

ALUDINDO OS ANNOS QUE VIVEO AOS
do Autor da Vida.

D - o Sol o Girasol, a flor amante,
O - curso segue (qual Aguia] assistindo,
N - as voltas que os seus gyros vam medindo,
A - pezâr da fortuna nam constante:
M - as quando, entre o mortal, o Sol brilhante,
A - o seu Occaso vay já descaindo,
R - ecaye, & morre a flor que o vay seguindo
I - ndo já qual defunta no semblante.
A - gora, ô Portugal! ay triste caso!
S - ente, chora, lamenta com suspyros,
O - Girasol, se o Sol mais peregrino:
F - eneceo flor, & Sol; & em seu Occaso
I - âz teu Sol, jâz tua flor, que foy nos gyros,
A - mante Girasol do Sol Divino.

EM

O TUMULO DA Magestade
 SERENISSIMA DA
RAYNHA
 NOSSA SENHORA
EPITAFIO

A QUI jaz a mais activa,
 Cõ a mayor implicação,
 Pois na commua oppiniam,
 Estando morta, está viva:
 Porém hoje nos motiva
 (Entre excessos de ternura)
 Humna rezam que alegura,
 Esta oppiniam tant notoria,
 Que he: estar viva em a memoria,
 Se morta na sepultura.

FINIS.

ai ie occulta.

NI